

Ana, minha vizinha

Conheço a Ana, minha vizinha, desde sempre. Na verdade, minha vida inteira. Nossos Pais já eram amigos e vizinhos antes mesmo de nós nascermos. Assim, meio que por acaso, fomos criados quase como irmãos gêmeos que vivem em casas separadas. Eu sou apenas um mês mais velho do que ela.

Até nossa adolescência sempre fazíamos tudo juntos. Mesmo colégio. Mesma sala de aula. Mesmos amigos. Amigos inseparáveis e cúmplices nas travessuras. Mas devido a este sentimento de irmão mais velho, nunca pensei e muito menos tentei nada com ela. Até que, passei a ter ciúmes das suas novas amizades e comecei a sonhar em tê-la comigo.

Aos 18 anos, o corpo de Ana havia se transformado completamente. Aquela menina com corpo esguio, agora era uma mulher formada que virava o centro das atenções por onde passava.

Pele clarinha, cabelos negros ondulados e “soltos ao vento”, olhos verdes, seios pequenos e firminhos, cintura fina e bunda redondinha. E para completar, seus lábios carnudos dão um toque especial a esse conjunto todo embarcado num corpo de quase 1,70 metros. Um verdadeiro mulherão.

Só que esse tesão de mulher agora tem outros amigos. E em vez de mim, começou a preferir ir para o cinema ou sair para lancha com outros garotos. E foi aí que comecei a perceber que é mais do que amizade que sinto por ela.

E como um “irmão mais velho”, acabei agindo como um verdadeiro babaca nos últimos tempos. Em vez de cativá-la e demonstrar meu apreço por ela, passei a agir como um chato ciumento e acabei afastando-a mais do que gostaria.

Passaram uns 6 meses praticamente sem nos falarmos. Me entristecia muito, mas não ia ceder e admitir que estava errado. E ela, também não tomava a iniciativa de vir me procurar como sempre fazia quando precisava de ajuda ou estava com problemas. Isso só me levava a concluir que Ana estava bem sem mim. O que me deixava ainda mais triste.

Sábado à noite sozinho e curtindo minha deprê em casa, escuto o celular vibrar com a chegada de uma mensagem. Não dei bola pois acreditei que fosse a turma me chamando para sair. Mas na boa, não estava nenhum pouco a fim de sair para me divertir. Só pensava na Ana e o que seu namorado poderia estar fazendo com ela.

Imaginar outro homem passando a mão ou outra coisa a mais sobre seu corpo, me deixava louco.

Mais um tempo se passou quando ouço alguém bater de leve na janela do meu quarto. Na hora dei um pulo da cama, pois essa era a forma que a Ana batia quando queria conversar comigo, mesmo tarde da noite. Mas não podia ser, eu devia estar escutando coisas na minha loucura.

Como se meu corpo agisse por conta própria, caminhei em direção da janela e a abri na esperança de encontrar a minha Ana ali sorridente pedindo para entrar. Mas isso seria impossível de acontecer. Pelo menos, para mim parecia.

Mas para minha surpresa e alegria, ao abrir a janela vi que era ela sim, mas parecia envergonhada e já estava se distanciando.

- Ana?! Você por aqui? - Indaguei
- Oi Marcos. Já estou indo embora, você deve estar acompanhado. Desculpa por ter te atrapalhado. - Ana respondeu olhando para o chão.
- Estou sozinho em casa. Estava pensando em você. - conclui baixinho.

Ela voltou a se aproximar, e ainda olhando o chão, pediu se podia entrar.

- Posso entrar como nos velhos tempos? Ainda tenho esse direito?
- Claro que pode. Quer que eu abra a porta para você? - Vi que ela estava usando uma minissaia e talvez não quisesse pular a janela.
- Não precisa não. - respondeu. - Estou com saudades de entrar por aqui.

Ana estava toda produzida. Uma miniblusa transparente e uma minissaia bem curtinha. Salto alto, cabelo arrumado e um batom vermelho bem marcante. Para entrar pela janela, como fazia desde moleca, foi inevitável eu ter que segurar ela pelas coxas e ver sua calcinha vermelha de renda quando abriu suas pernas para passar de fora para dentro.

Procurei disfarçar de todos os modos, mas minha ereção foi instantânea. Não conversava mais com ela há quase seis meses, e neste tempo, ela ficou ainda mais gostosa.

Tão logo entrou no quarto, me abraçou e se pôs a chorar convulsivamente. Mais uma vez corei de vergonha quando retribui o abraço e coleí meu corpo ao dela pressionando meu membro rijo sobre seu ventre. Mas ela nada fez para me afastar. Pelo contrário, me abraçou ainda mais forte.

- Me desculpa, me desculpa. - Ana balbuciou soluçando.
- Desculpa pelo quê? Você não fez nada. - respondi.
- Fiz sim, fui uma boba contigo. Não te escutei. Aquele maldito.....
- O que aconteceu? O que o João fez contigo? - A afastei de mim e olhando para dentro dos seus olhos questioneí irritado.

- Não fez nada. Não fez nada.
- Me diga o que ele fez contigo que acabo com a raça dele. - só em imaginar que ele poderia ter feito mal a ela, já me deixava maluco.
- Não fez nada não. Eu não deixei. Esquece. - e voltou a me abraçar e continuou seu choro.

Quando enfim se acalmou, eu a trouxe para a cama e como fazíamos quando éramos crianças, nos sentamos um de frente para o outro com as pernas cruzadas.

No início até que ela tentou esconder a calcinha com as mãos, já que a minissaia havia subido e estava revelando quase tudo. Mas com o tempo e quanto mais ela se empolgava em contar sua história, acabou esquecendo de “se esconder” e passou a mostrar tudo. Eu nunca tinha olhado para ela com os olhos que um homem com tesão, mas naquela noite era assim que estava sendo. Me controlando para não pular sobre ela e arrancar de uma vez só aquelas roupas que mal cobriam seu corpo.

Entre choro e soluços, ela contou que nos quase seis meses que estava saindo com o João, nunca rolou nada além de uns beijinhos e uns amassos. Mas ele sempre queria mais. Sempre forçava mais. Mas ela não se sentia pronta para ficar com ele. E naquela noite tiveram uma briga feia por conta disso.

Saíram para jantar, e depois de uns drinks a mais, entraram no carro e ele começou a dirigir em direção a um motel, ao que ela recusou veementemente. Discutiram no carro e ele dirigiu loucamente até a esquina da casa dela e a intimou: “ou dá ou desce!”. Ela desceu. E sem saber o que fazer, me procurou para chorar nos meus ombros.

E aqui está ela na minha cama, sentada na minha frente e de pernas abertas, chorando e pedindo um ombro amigo para se consolar.

Depois de contar toda a história, e pedir desculpas mais uma centena de vezes por ter se afastado de mim, veio para frente, sentou no meu colo, me abraçou novamente e voltou a chorar.

Sua minissaia já tinha virado uma cinta, e a calcinha de renda roçava sobre meu membro duro e latejante ainda escondido sob a bermuda.

Aos poucos foi se acalmando e o choro passou a soluços espaçados. Seu abraço ainda era forte e pressionava cada vez mais seu corpo contra o meu.

Depois de completamente recuperada, num sussurro quase inaudível, falou:

- Me desculpe, mas só hoje percebi que preciso de você. E tem que ser hoje e agora antes que me arrependa e perca a coragem.

Antes mesmo de conseguir processar suas palavras, senti seus lábios tocando nos meus. O beijo começou tímido e lento, mas tão logo que abri minha boca aceitando sua língua, tornaram-se lascivos e desesperados.

Suas mãos entraram sob minha camiseta e a arrancaram quase ao mesmo tempo que ela se livrava da sua e deixava seus seios nus forçando contra meu peito.

A minha amiga Ana, que até então me tratava como um amigo e nada mais do que isso, estava agora sentada sobre mim, com seus seios nus e tendo sua calcinha de rendas vermelha como único obstáculo para chegar até o prêmio máximo daquele corpo maravilhoso.

Eu ainda sem entender direito o que estava acontecendo, só conseguia responder aos seus avanços e deixar que ela me conduzisse para onde quisesse. Parecia um sonho que começava a se tornar realidade. O sonho de estar dentro dela. Um sonho que vinha sendo cada vez mais frequente nos últimos meses que ficamos afastados.

Ela estava transformada, não era mais aquela menina meiga que eu conhecia há 18 anos. Era uma fêmea no cio. Havia incorporado uma Leoa que está atacando sua presa com intencionalidade e propósito. E eu era a caça.

Ana com os olhos fechados e muita volúpia, me empurrou fazendo que ficasse deitado de costas e ela continuava sobre mim. Ergueu levemente os quadris só o suficiente para conseguir baixar minha bermuda até a altura dos joelhos. E antes mesmo de voltar a se sentar, com sua mão direita afastou sua calcinha, pegou meu pênis e posicionou na entrada de sua vagina, e começou a descer lentamente.

Neste momento agradei em pensamento a todos os exercícios de autocontrole que fiz nos últimos meses, pois se fosse em outros tempos, teria gozado antes mesmo de ter nossos sexos se tocando.

Ela estava muito lubrificada, na verdade vertendo de prazer. A cabeça do meu pênis mal começou a entrar ela parou o movimento de descida na mesma hora. Quase travou. Alguns segundinhos parada voltou a forçar mais um pouco até entrar só mais alguns centímetros. Lágrimas começaram a verter dos seus olhos e uma fisionomia de dor apareceu na sua face.

Antes mesmo que eu pudesse pedir se estava tudo bem, inclinou seu corpo e voltou a me beijar com ternura enquanto continuava forçando de leve seu quadril contra o meu pênis ereto encaixado em sua vagina.

Ao mesmo tempo que seu corpo desceu mais um pouco, soltou um gritinho abafado como se fosse de dor, e me abraçou fortemente com seus braços e pernas ficando totalmente imóvel por alguns minutos. Nesta mesma hora, senti algo escorrer pelo corpo do meu pênis até minha virilha.

Sentir nossos corpos grudados era muito mais do que um sonho, um desejo, era sentir uma paz interna e uma sensação inigualável. Para mim, o mundo poderia congelar naquele instante.

Não sei quanto tempo se passou até que resolvi tentar ter alguma reação. Sutilmente comecei a movimentar meu quadril com a intenção de começar um movimento de vai e

vem dentro dela, ao que Ana respondeu soltando sua musculatura e permitindo que meu movimento fosse cada vez mais profundo e ritmado.

Ainda sem abrir os olhos, não sei se de vergonha ou medo, voltou a me beijar com mais intensidade ao mesmo tempo que passou a suspirar e gemer alto a cada nova estocada que investia nela.

Depois de alguns minutos transando naquela posição, com ela deitada sobre mim, tentei inverter, mas ela não permitiu. Só depois fui entender que assim ela se sentia no controle e não queria mudar o que estava dando certo.

Quando enfim Ana ganhou segurança e confiança do que estava fazendo, voltou a se sentar sobre meu quadril e passou a cavalgar loucamente e só parou quando explodiu num orgasmo delicioso. Ao qual, foi inevitável não a acompanhar e inundá-la com uma grande quantidade de gozo de um jovem de 18 anos.

Saciados nossos desejos, caímos exaustos deitados um ao lado do outro, e só então, percebi que o lençol estava manchado de sangue. Assim como sua calcinha e minha bermuda. Foi a sua primeira vez.

Era tanta informação para processar somadas a deliciosa sensação de pós-gozo, que o máximo que conseguimos foi nos cobrir com um lençol e dormir abraçadinhos o resto da noite.